



FOLHETOS DE ACONTECIDO E SUA POTENCIALIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA E NA INFÂNCIA

FERREIRA, Grace Kelly*

RESUMO: A abordagem do cordel como narrativa histórica e prática cultural e sua incorporação como objeto de estudo científico desconstruindo o conceito dicotômico de cultura erudita e cultura popular é uma proposta de interpretação de experiência, construção de uma representação e de uma narrativa histórica de sentido. Entendendo como uma fonte para ser analisada toda sua potencialidade no ensino de história e na história das infâncias. Identificar a relação do adulto com a criança nessa prática cultural possibilita desenvolver no ensino de História a relação das crianças com as diferentes formas de consciência histórica no tempo e no espaço e contribui para sua própria expressão de consciência.

Palavras-chave: cordel, ensino de história, história das infâncias, consciência histórica.

INTRODUÇÃO

Uma das deficiências no ensino de história é a carência de fontes no cotidiano escolar. A fonte do conhecimento histórico limita-se muitas vezes apenas ao livro didático, que por mais que venha sofrendo mudanças ao longo do tempo, ainda acaba oferecendo um conhecimento parcial e limitado da história geral das sociedades. Percebendo a diversidade cultural do nosso país, o trabalho apenas com o livro didático soa limitante e, quiçá, homogeneizante, mesmo entendendo outras limitações inerentes ao sistema de ensino.

Pensando nessa questão de um ensino homogeneizador quando só atrelado a um tipo de fonte é que se escolheu os “folhetos de acontecido” ou mais popularmente conhecido, o cordel, como um material em potencial para trabalhar diferentes consciências no tempo.

Entendendo o cordel como uma fonte para ser analisada em toda sua potencialidade na pesquisa historiográfica, no ensino e na história das infâncias. Através da utilização e investigação desse tipo de fonte é possível perceber como se dá a relação do adulto com a criança, pensando a ideia transmissão de saber. Com a possibilidade de desenvolver no ensino de história além do contato com práticas culturais diversas a abordagem de diferentes consciências históricas de sentido, trabalhando assim a ideia de alteridade, identidade e orientação no tempo.

* - Mestranda Programa Mestrado Profissional em Ensino de História Universidade Estadual de Maringá.

DESENVOLVIMENTO

Para abordar um costume tipicamente nordestino, retornemos ao período do contato dos nativos com os brancos e negros, desde a colonização o que se tentou foi, de certa forma, homogeneizar a cultura. A partir dos primeiros conflitos entre as práticas culturais dos nativos com a dos europeus ou dos africanos com a dos europeus, o que se buscou majoritariamente foi o processo de aculturação através do ato de converter o diferente para ser igual. Vemos que mesmo com a emancipação política do Brasil, ainda assim continuamos com resquícios fortes do colonialismo e dos valores do homem branco, presentes até hoje. Tais valores foram expressos no ensino de história por exemplo, através do positivismo no século XIX, sobre isso Marc Ferro:

Fazendo um estudo sistemático sobre os livros didáticos de muitos países europeus, Roy Preiswerk e Dominique Perrot organizaram um inventário dos estereótipos dessa história “branca” dos princípios que fundamentam sua periodização e dos principais valores mantidos na relações entre os brancos e o resto do mundo: respeito à ordem e à lei, unidade nacional, sentido de organização, monoteísmo, democracia, sedentarismo, industrialização, marcha para o progresso, etc. Em todos os países da Europa encontram-se mais ou menos os mesmos valores. (FERRO, 1924, p. 22)

É fato que ao longo do processo de construção da história brasileira, se estabeleceu o que podemos entender como uma dicotomia cultural, onde de um lado existe uma cultura oficial, letrada e erudita e do outro uma cultura subalterna, de forma oral, empírica e popular. Ou seja, essa última representada pelas tribos indígenas que aqui estavam e pelos africanos que para cá vieram que não tinham acesso à cultura escrita e tinham sua cultura marcada por tradições de transmissão oral e rituais simbólicos de passagem. Ou ainda caracterizada pela vida rural, pelos costumes distanciados do da cidade. Lígia Vassalo (1993) em seu livro *O Sertão Medieval* aborda o conceito de dicotomia a partir da visão de Bakhtin

Para a abordagem da dicotomia existente entre a cultura oficial, letrada, formal ou de elite versus cultura popular, a contribuição pioneira deve a Mikhail Bakhtin, que trouxe uma luz particularmente nova a questão. Na linha do estudioso russo

desenvolveu-se uma reflexão que alarga suas pesquisas, não só quanto à análise das relações textuais como também aos vínculos culturais entre periferia e centro, problema candente para as terras recém-descobertas. (VASSALO, 1993, p. 47)

Ao estabelecer tal dicotomia, Bakhtin caracteriza cultura oficial como sendo a “da Igreja e do Estado, portanto das altas camadas sociais” (VASSALO, p. 47). E em contrapartida aos padrões rígidos da cultura oficial, o autor situa a cultura popular que “exprime-se por uma linguagem própria, que Bakhtin identifica à da feira e da praça pública” (VASSALO, P. 47). A junção desses dois mundos acontece com o fenômeno da carnavalização que seria o momento em que a periferia se tornaria o centro, onde ocorreria o fim da hierarquia e a integração social. Onde o riso passa a existir e ao mesmo tempo onde a periferia parodia o mundo oficial. Sobre isso

Uma espécie de segunda vida – a da praça pública – que instaura um novo modo de relações humanas, porque mistura os participantes, sem distinguir atores e espectadores, liberando-os das imposições e hierarquias da vida ordinária. O carnaval cria uma suspensão da temporalidade habitual e configura um momento de marginalidade total, de fuga do cotidiano. Permite assim uma nítida inversão da rotina da vida diária, com a qual contrasta tanto quanto em relação aos ritos oficiais onde domina a formalização. (VASSALO, 1993, p. 47)

Esse fenômeno da mistura dos mundos oficial e não-oficial produziria o que Ginzburg denominará de circularidade cultural, onde ocorre a troca entre o oral e o escrito, como o que aconteceu com o moleiro Menocchio retratado em *O Queijo e os Vermes*:

Pode-se ligar essa hipótese àquilo que já foi proposto, em termos semelhantes, por Mikhail Bakhtin, e que é possível resumir no termo “circularidade”: entre a cultura das classes dominantes e das classes subalternas existiu, na Europa pré-industrial, um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo. (GINZBURG, 2006, p.10)

No entanto, desconstrói-se a ideia da dicotomia cultural a partir da perspectiva da circularidade das práticas culturais. A circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI, o encontro da página escrita com a cultura oral. (GINZBURG, 2006, p.15). Dessa forma, falando novamente do moleiro estudado por Ginzburg, tem-se a impressão que:

Foi o choque entre a página impressa e a cultura oral, da qual era depositário, que induziu Menocchio a formular – para si mesmo em primeiro lugar, depois aos seus concidadãos e, por fim aos juízes – as “opiniões [...] [que] saíram da sua própria cabeça”. (GINZBURG, p. 72, 73)

Sendo assim, “a cultura plebeia não pode ser entendida independente desse equilíbrio” entre o oral e o escrito (THOMPSON, 1998, p.77). No entanto, nesse processo de contato e circularidade entre as práticas culturais da plebe e dos patrícios ocorreria o que Ginzburg (2006) denomina de filtros culturais, pois, “os pensamentos, crenças, esperanças dos camponeses e artesãos do passado chegam até nós através de filtros e intermediários que os deformam (GINZBURG, 2006, p. 12,13). Nesse sentido, os folhetos de acontecido, mais popularmente conhecidos como cordel, fazem essa mediação do oral para o escrito, ou seja, do popular para o erudito, estabelecendo assim o fenômeno bakhtiniano da carnavalização e circularidade cultural.

A literatura de cordel é um artifício interessante para compreender essa dicotomia cultural que se construiu. Pois, ao mesmo tempo que compreendemos o cordel como um costume praticado por homens simples e semianalfabetos na região nordeste do Brasil, percebemos que existe nessa prática fortes reminiscências dos povos europeus, essencialmente dos portugueses. A literatura de cordel foi uma definição dada a um costume propagado no Nordeste essencialmente no século XIX e que se consolidou no século XX. Podemos entender como a invenção de uma tradição, porque pretendeu casar esse costume popular praticado no Nordeste com um costume já praticado por portugueses. Os poetas, repentistas brasileiros não se identificavam como cordelistas até a invenção do termo Literatura de Cordel. Como tradição inventada:

...entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente uma continuidade do passado histórico apropriado. (HOBSBAWN, 2008, p. 9)

Esse processo de invenção de tradição foi feito pelos intelectuais que são os principais mediadores do simbólico que se dedicam em uma interpretação do Brasil, pensando a “identidade do povo brasileiro” (ORTIZ, 1994, p. 142). Sendo assim, o romanceiro, poeta e cantador nordestino foi entendido como a repetição de um costume popular português sendo

interpretado aqui como cordelista. E os “folhetos de acontecido” ficaram denominados de Literatura de Cordel. Segundo Câmara Cascudo (1973), a poesia medieval veio na bagagem dos nossos colonizadores, “nas naus colonizadoras, com os lavradores, os artífices, a gente do povo, veio naturalmente a tradição do romanceiro que se fixa no nordeste do Brasil como a literatura de Cordel”. Concordando com Cascudo, o poeta e presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva (2012), ressalta: “de Portugal, o cordel chegou até nós na bagagem e no coração dos nossos colonizadores como manifestação oral, instalando-se (...) na Bahia, dali se irradiou para os demais estados do Nordeste brasileiro. (SILVA, 2012, p.30)

O responsável no Nordeste pela mediação do oral e o escrito foi o poeta Leandro Gomes de Barros que diferente de seus contemporâneos, por volta de 1890 teve a ideia de procurar uma tipografia e pedir a publicação de seus versos (ABREU, 2005, p. 16). Abreu (2005) divide a produção de folhetos em duas categorias, os romances e os folhetos de acontecido, “a gente chama de romance esses livrinhos mais grossos, com história mais cumprida. Os curtinhos, com notícias e acontecimentos, a gente diz folheto...” (ABREU, p. 17). Quem quisesse saber a história no final do século XIX e meados do XX nessas regiões precisaria comprar um folheto na feira ou em praças públicas de algumas cidades nordestinas. Para cada fato importante que acontecia, local ou nacional havia a produção de um folheto que ficaram chamados de “folheto de acontecido” (ABREU, p.19). São esses últimos que são fontes potenciais para o ensino de história.

Encontramos dentro dessa prática cultural algumas manifestações que nos permite pensar personagens presentes na cultura brasileira e a relação com a cultura europeia. Anterior ao trovadorismo, a prática dos jograis se caracterizava como um tipo de manifestação burlesca, o jogral era o artista de origem popular atuante da praça pública ou como o bufão que divertia os palácios senhoriais. Assim:

Avultam os jograis que, antes da decadência da classe, constituem uma das mais importantes instituições medievais e propagam o ponto de vista profano. Seu papel apresenta-se sob três aspectos: como intermediários entre a cultura escrita e a massa de analfabetos; como viajantes, o que permite conta-lo entre várias regiões culturais, gerando um vasto fundo comum de temas e formas; como agentes da opinião pública, pois aprendem um repertório já feito, ao mesmo tempo que são divulgadores e criadores cosmopolitas e semi-eruditos. Existem jograis

internacionais e também locais. Todos veiculam igualmente histórias de atualidade e temas próprios de uma região. Por seu intermédio se constitui um vasto repertório internacional que reúne as diversas culturas locais da Europa num patrimônio comum. Tal acervo de certo modo foi legado ao cantador nordestino, seu descendente, que congrega muitas dessas funções. (VASSALO, 1993, p. 57)

Aqui no Brasil, o trovador, o jogral, o bufão e o pícaro se convertem na figura do amarelinho que é um personagem com um “espírito moleque...sempre disposta a pregar uma peça nos poderosos, nos arrogantes, nos injustos. João grilo representa um desejo de vingança do pequeno contra o grande, vingança simbólica, mas vingança” (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p. 66). Entre os principais personagens da história do Brasil que ocupam as páginas dos folhetos, estão Antônio Conselheiro, Luís Carlos Prestes, padre Cícero, Antônio Silvino e Lampião, Getúlio Vargas, Jânio Quadros, João Goulart e Tancredo Neves. “Os heróis nacionais, assim como os heróis dos romances, têm a sua vida e morte detalhadas e, mesmo depois de mortos, recebem julgamento e terminam no céu ou no inferno” (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p.106)

Abordar os folhetos de acontecido no ensino de história para romper com a dicotomia em discussão, história-oficial e história-popular pelo viés da investigação de práticas culturais comuns. Também romper a distância ensino-pesquisa através da própria experiência da pesquisa e experimentação em sala de aula simultaneamente. A abordagem do cordel como literatura e forma de comunicação e prática cultural e a sua incorporação como objeto de estudo científico pode ser utilizado na interpretação do passado e construção de uma linguagem, representação e de uma narrativa histórica. Porém, entendemos que:

Qualquer sugestão metodológica no campo do trabalho com a literatura de cordel pressupõe certo envolvimento afetivo com a cultura popular. Um procedimento metodológico que oriente o trabalho com o cordel terá que favorecer o diálogo com a cultura da qual ele emana, ao mesmo tempo, uma experiência entre professores, alunos e demais participantes do processo. (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p. 126)

É importante na abordagem de uma literatura como essa, uma certa empatia e relação afetiva para que o mediador encontre, de fato, sentido em seu conteúdo, ao mesmo tempo é necessário que a compreenda dentro de determinados contextos e situações, sendo que

O trabalho com a literatura popular pressupõe essa empatia sincera e prolongada e, sobretudo uma relação amorosa. Diria, também, uma atitude humilde, receptiva diante da cultura popular para poder aprender-lhe os sentidos e não interpretá-la de modo redutor. Não se trata, por outro lado, de hipervalorizar as produções culturais de vertente popular, mas de compreendê-las em seu contexto, a partir de critérios estéticos específicos, para poder perceber sua dimensão universal. (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p.125- 126)

Sendo assim, o viés do encantamento é uma premissa importante desse processo, sendo que:

Ninguém aprende a gostar de folhetos decorando regras métricas e rimas. Mesmo os que aprenderam a ler com os folhetos, foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações. (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p.12)

Uma prática onde a pesquisa nutra o ensino no sentido de abordar questões ausentes nos livros didáticos e quiçá, uma contra história. Abordagens complementares ou uma contraversão daquilo que nos foi ensinado. Por exemplo, uma análise mais aprofundada da história de Canudos e não o que a maioria dos livros tratam sobre esse movimento. Ou ainda, a utilização de cordéis que demonstram simpatia e exaltam figuras nacionais como Getúlio Vargas. Os folhetos de acontecido podem ser um recurso no ensino de história, aqueles que tratam de informar sobre os “últimos acontecimentos” são a melhor opção para os professores de História.

A leitura, compreensão e interpretação do conteúdo desses folhetos são princípios fundamentais nesse processo, pois observar-se-á neles a maneira como a consciência dessa população “matuta” nordestina é expressa em determinado período histórico e político. Porém, é importante

...partir das obras – os folhetos – e penetrar nas questões que lá estão representadas. A experiência com a poesia oral está presente em toda a comunidade, em qualquer região do país. Neste sentido, é importante valorizar as experiências locais, descobrir formas poéticas que circulam no lugar específico de cada leitor. (MARINHO, PINHEIRO, 2012, p. 126,127)

A criança, o adolescente e o jovem precisa se encantar pela poesia, pela sonoridade e pela beleza, depois entender, aprender e fazer. Ou seja, “toda a aprendizagem

começa por imitação” (MARINHO, PINHEIRO, p. 127) Metodologicamente, com relação ao folheto de cordel, a atividade fundamental é a leitura oral

E ler em si, mesmo sem fazer nada a partir disto, já é grande coisa. Toda atividade de leitura deve ser antecedida de alguns cuidados. É sempre bom sondar o horizonte de expectativa de nossos leitores. De que gostam? Quais seus interesses mais imediatos: Como encaram experiências diferentes das suas? Que experiências culturais lhe são mais determinantes: Estas questões devem estar sempre presentes para o profissional de ensino. A partir daí ele poderá partir de uma história que, de um modo ou de outro, possa tocar seus leitores. A porta de entrada é fundamental. (MARINHO, PINHEIRO 2012, p. 127)

Apenas com o artifício da leitura oral dos folhetos de acontecido o professor pode proporcionar o encantamento nos alunos, mas também divulgar experiências singulares, regionais e nacionais. Além do que, essas práticas culturais podem incentivar a inventividade, a criação e o protagonismo infanto-juvenil no ambiente escolar.

O trabalho com esse tipo de fonte permitirá ao aluno compreender a consciência de grupos de uma determinada região do país, possibilitando a análise de um discurso e de uma constituição tradicional de sentido que, segundo Rüsen, “...histórias que obedecem a esse formato e a esse *tópos* remetem às origens, que se impõem às condições contemporâneas da vida, e que se querem manter inalteradas, presentes e resistentes ao longo das mudanças no tempo” (RÜSEN, 2007, p. 48). O cordel pode ser analisado dentro da sala de aula como uma fonte de um saber histórico. Sendo assim, os folhetos de acontecido podem não ser um costume comum para quem vive em Santa Catarina, por exemplo, mas podem levar os alunos desse estado a refletirem sobre o pensamento do homem nordestino e produzir o fenômeno da circularidade cultural desconstruindo a ideia de dicotomia.

A questão central da didática de Rüsen (2007) seria como o pensar histórico pode realizar sua intenção na vida prática. Rüsen enfatiza que a função do ensino de história é relacionar o conhecimento histórico com a prática, sendo que:

O aprendizado da história transforma a consciência histórica em tema da didática da história (...) os processos de aprendizagem histórico não ocorrem apenas no ensino de história, mas nos diversos e complexos contextos da vida concreta dos aprendizes, nos quais a consciência histórica desempenha um papel. (RÜSEN, 2007, p.91)

O trabalho com o cordel para a formação histórica dos alunos no sentido de demonstrar uma forma de interpretar o mundo, o diferente e a si mesmo, ao mesmo tempo a vinculação entre o saber e a ação. Pois, o conhecimento histórico sendo capaz de formar subjetividades, ou seja, identidades é também capaz de orientar os indivíduos no tempo, fazendo com que ajam intencionalmente. A questão não é saber, mas compreender as formas diferentes de consciência histórica, “formação não é, por conseguinte, poder dispor de saberes, mas de formas de saber...” (RÜSEN, 2007. P. 103).

Nesse processo de formação de consciência é importante definir a relação entre experiência, interpretação da experiência e orientação no tempo presente, sendo que:

A experiência é o aumento dos saberes sobre o que foi o caso no passado, para isso a consciência deve abrir-se a novas experiências. Por outro lado, o olhar histórico formado, voltado para a alteridade do passado, pode sensibilizar a consciência para a especificidade de seu tempo presente. Ele pode aprofundar a consciência de que os dias de hoje se passam de outra forma que no passado, porque as condições da vida prática de cada um são historicamente específicas. (RÜSEN, 2007, p.113)

A segunda categoria da didática da história se dá na competência da interpretação dessa experiência que confere sentido histórico, estabelece significado e importância, ou seja, “os modelos tradicionais de interpretação tornam-se exemplares, os exemplares, críticos e os críticos, genéticos” (RÜSEN, 2007, p. 114). E por fim, a categoria da orientação que tem função prática das experiências históricas.

A competência de orientação é a capacidade dos sujeitos de correlacionar os modelos de interpretação, premissas de experiência e saber com seu próprio presente e com sua própria vida, de utilizá-los para refletir e firmar posição própria na vida concreta no presente. (RÜSEN, 2007, p. 116)

Nesse processo de interpretação de experiência e orientação no tempo o sujeito assenhoreia-se e expressa sua subjetividade, pois “ele necessita por uma apropriação mais ou menos consciente dessa história construir sua subjetividade e torna-la a forma de sua identidade histórica precisa aprendê-la, ou seja, aprender a si mesmo” (RÜSEN, 2007, p. 107). É necessário a interpretação de uma experiência humana no tempo, a compreensão da constituição de si mesmo e a orientação do agir. Passado, presente e futuro. A união das três dimensões de tempo constituindo a instância da consciência crítica de sentido, que:

...trata-se sobretudo de esvaziar os modelos de interpretação histórica culturalmente influentes, mediante a mobilização da interpretação alternativa das experiências históricas conflitantes. Modelos consagrados de auto compreensão e da legitimação históricas das relações sociais são desmanteladas quando contrastados com as possibilidades alternativas da memória histórica. (...) as interpretações históricas das circunstâncias atuais da vida, e as perspectivas de futuro da vida prática que delas decorrem, são desconstruídas pelo conflito das experiências históricas, abrindo espaços para outros e novos modelos de interpretação. (RÜSEN, 2007, P. 55)

A apropriação dos folhetos de cordel pelo ensino de história torna possível o conflito entre a tradição e a pós-modernidade. A partir da demonstração de uma constituição histórica de sentido tradicional, de uma experiência interpretativa e subjetiva e por sua vez de uma constituição crítica de sentido na orientação do agir, ou seja:

A constituição crítica de sentido é o meio de uma comunicação intercultural, na qual, o discurso histórico se modifica radicalmente, quando novas representações substituem as antigas, ou mesmo, quanto uma linguagem simbólica do histórico, inteiramente nova, varre a precedente. (RÜSEN, 2007, p. 55)

Sendo assim, a formação histórica pelo viés do saber e da ação trabalha a experiência, a interpretação da experiência e a orientação no tempo presente. A criança e o jovem nesse processo como protagonista no processo histórico, “o sujeito afirma a si próprio ao aprender, firma a dimensão temporal de sua própria identidade e assenhoreia-se de si, de seu tempo.” (RÜSEN, 2007, p. 107, 108)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de história através da utilização e investigação de uma fonte como os folhetos de acontecido é capaz de produzir um olhar mais amplo do tempo. Sendo que é possível trabalhar essas três dimensões - passado, presente e futuro. Ao valorizar uma experiência, uma consciência, interpretá-la no tempo presente e orientar a ação das crianças e jovens através da criação de narrativas do seu próprio tempo. Proporcionando um processo de relativização entre o presente e a história inserida nele e o contraste com outras histórias. E, a possibilidade da existência de outros seres além deles mesmos. Essa relativização histórica é importante porque dilui as naturalidades que caracterizam as orientações do agir.

A função contemporânea do ensino de história deve ser a de ensinar e permitir a construção de maneiras de olhar o mundo, de perceber o social, os diferentes saberes, de entender a temporalidade e a vida humana. Muitas vezes, nós profissionais da área somos questionados sobre a utilidade dessa ciência, porém, segundo Durval de Albuquerque, “ a história possui utilidade de produzir o artefato mais complexo e mais importante da vida social: o próprio ser do humano, a subjetividade dos homens” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.31). Sendo assim, a história deve servir para o aprendizado da alteridade, para compreender outras formas de existir, outras formas de se manifestar e de ser humano. Implica a compreensão de outros valores e costumes. O ensino de história precisa andar junto com a pesquisa para se afastar da visão consagrada do passado, é preciso desfazer memórias e refazê-las usando um aparato conceitual e metodológico. Para Albuquerque:

A história teria assim, mais essa função social, a de nos fazer aprender a narrar, a contar histórias, a enredar fatos, atividades humanizadoras por excelência. Aprender a contar história, aprender a reunir palavras em frases, e com elas, criar sentido para um outro é um passo decisivo em nosso processo de humanização; por isso todas as comunidades humanas contam histórias, narram eventos para suas crianças. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p.39)

Trabalhar com o cordel enquanto fonte e abordar esse tipo de linguagem visando a construção de uma narrativa histórica pode proporcionar uma ampla reflexão sobre alteridades e a cultura brasileira propriamente dita. Além disso, contribui no processo de desconstrução da ideia de dicotomia cultural e melhorar a relação do adulto com a criança através da linguagem poética e da musicalidade presente nos versos e rimas do cordel.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. Fazer Defeitos nas Memórias: para que servem a escrita e o ensino da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida; REZNIK, Helenice Rocha; Luís; MONTEIRO, Ana Maria. (Org.). **Qual o valor da História hoje?** Rio de Janeiro: FGV, 2012. p. 21-39.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em Cordel: O passo das Águas Mortas**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1979.

FERRO, Marc. **A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MARINHO, Ana Cristina. **O Cordel no Cotidiano Escolar**/ Ana Cristina Marinho, Hélder Pinheiro. – São Paulo: Cortez, 2012. – (Coleção Trabalhando com...na escola)

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira & Identidade Nacional**. São Paulo: Editora brasiliense. Ed. 1994.

THOMPSON. E.P. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Cia das Letras. São Paulo, 1998.

VASSALO, Lígia. **O Sertão Medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

SILVA, Gonçalo Ferreira. **Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel**. 2ª edição. Ensinamento Editora. 2012. RJ.

TERRA. Ruth. **Memória de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste 1893-1930**. Global editora. 1979, SP.

RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.